

A atuação de fatores sociais na seleção das preposições de regência do verbo *ir* (movimento) na fala de Santa Catarina

(The influence of social factors over the selection of the regency prepositions for the verb *ir* (movement) in the speech of Santa Catarina)

Marcos Luiz Wiedemer

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista/SJRP –
(UNESP/SJRP)

wiedemer@sjrp.unesp.br

Abstract: This paper presents a study about the variation in the use of the prepositions *a*, *para* and *em*, which introduce the locative complement of the verb *ir* (movement). Based on data from speech samples of 72 individuals from Santa Catarina, which are part of the Project VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó), we try to show which social factors act over language variation or change that embraces this phenomenon. The results show traces of the confluence of three situations in relation to the studied phenomenon: (i) current change with increasing retreat of the preposition *a* in Blumenau (19%), Florianópolis (17%) and Chapecó (10%); (ii) relatively stable variation between the preposition *para* (45%) and *em* (40%); (iii) a process of generalization due to specification, with indicators of particular contexts for the three prepositions.

Keywords: verb *ir* (movement); prepositions *a/para/em*; VARSUL.

Resumo: O propósito deste trabalho é apresentar um estudo sobre a variação no uso das preposições *a*, *para* e *em*, que introduzem complemento locativo do verbo *ir* (movimento), com base em dados de amostras da fala catarinense (72 informantes), integrantes do Projeto VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó¹), procurando mostrar quais fatores sociais atuam na variação ou mudança linguística que envolve esse fenômeno. O quadro de resultados aponta indícios de confluência de três situações em relação ao fenômeno estudado: (i) mudança em andamento, com recuo gradativo da preposição *a* em Blumenau (19%), Florianópolis (17%) e Chapecó (10%); (ii) variação relativamente estável entre as preposições *para* (45%) e *em* (40%); (iii) um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições.

Palavras-chave: verbo *ir* (movimento); preposições *a/para/em*; VARSUL.

Introdução

Diversos trabalhos sobre o português do Brasil (doravante PB) têm apontado um processo de recuo no uso da preposição *a*. Mais perceptível na oralidade e, em grau menor, na escrita, esse processo de recuo revela que a preposição *a* ou é apagada, como, por exemplo, em contextos de verbos causativos e perceptivos transitivos (DUARTE; GONÇALVES, 2001), ou é substituída por outras, como, por exemplo, à presença de verbos dativos, contexto em que prevalece a preposição *para* (SCHER, 1996; GOMES, 1998, 2003), ou de verbos de movimento, contexto mais favorável ao uso das preposições *para* e *em* (PONTES, 1992; MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; 2008; GUEDES; BERLINCK, 2003; VALLO, 2004).

¹ Não consideramos na análise a cidade de Lages.

Além dessas constatações, outros estudos já mostraram que a variação no uso de preposições que introduzem complementos verbais não é recente no PB (BERLINCK, 2007; GOMES, 2003; GUEDES; BERLINCK, 2003; TORRES-MORAIS; BERLINCK, 2006). Já em documentos quinhentistas e em textos dos séculos XIX e XX (peças de teatro, amostras de língua falada) verifica-se o uso variável no emprego das preposições *a*, *até*, *em*, *para*, o que leva os autores a propor que tal fenômeno variável, já existente na variedade do português trazido pelos primeiros colonizadores, vem se intensificando, com o acentuado uso das preposições *para* e *em*.

Neste artigo, que constitui recorte de um trabalho mais amplo (WIEDEMER, 2008²), analisamos a variação das preposições usadas no complemento locativo do verbo *ir* (movimento) na fala de Santa Catarina, considerando a hipótese do recuo de uso da preposição *a* e da variação das preposições *para* e *em*.

Na tradição gramatical, as preposições regentes do verbo *ir* (movimento) são apresentadas de forma praticamente invariável, apenas com uma sutil diferença entre o uso de *a* e *para*. Na variedade catarinense do português falado, entretanto, assim como em outras variedades (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996, 2008; GUEDES; BERLINCK, 2003; VALLO, 2004), conforme se constata nos dados do *corp*us VARSUL, esse é um contexto variável, conforme exemplificado em (1) a (3) abaixo.

- (1) Ir + a
*Em São Paulo no tem nada disso, né? Aí tem que **ir a** Santos, e Santos a gente conhece também muito bem.* (SC BL 24).³
- (2) Ir + para
*A gente **vai pra** praia, né?* (SC BL 22).
- (3) Ir + em
*La conhecer era Pantanal e essa seria um dos meus sonhos é **ir no** Pantanal.* (SC FL 10).

Dos contextos exemplificados acima, (1) e (2) são previstos pela gramática normativa, enquanto (3), embora muito produtivo na fala, é considerado não-padrão. É esse o contexto variável objeto de discussão deste artigo.

Enriquecimento funcional das preposições

Sabe-se que as preposições já existiam no sistema latino, sendo, porém, pouco usadas, pois a relação entre os vocábulos era marcada pelas flexões causais. Na passagem do latim para o português, os casos morfológicos desapareceram, e as preposições assumiram esse papel. Apesar da perda dos casos latinos, é importante destacar que, já no latim vulgar, a preposição era empregada para subordinar o complemento ao verbo, reforçando relações de regência em contextos de expressão de caso acusativo e ablativo. Com o desaparecimento da marcação de caso, ampliou-se o uso de preposições também para complementos antes marcados pela flexão de dativo e

² Disponível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0422-D.pdf>

³ No decorrer deste trabalho, utilizamos alguns códigos adotados pelo Projeto VARSUL para especificar entrevistas, tais como: estado (SC), cidade (BL), número da entrevista (22).

de genitivo. Assim, a função de regência foi deixando de ser expressa de forma sintética (pelos casos) e passando a ser expressa de forma analítica (pelas preposições) (cf. TARALLO, 1990). Dessa forma, a passagem *advérbio* > *preposição* já se dera no latim. Esse processo de mudança instaurado no latim pode constituir pistas seguras para o entendimento da variação de preposições no PB.

Pereira, ao tratar das mudanças ocorrentes na passagem do latim ao português, chama a atenção para o fato de que:

As relações regenciaes ou de subordinação em portuguez são logicamente as mesmas que em latim, porém a sua expressão verbal varia grandemente. A obliteração dos *casos* trouxe grande alteração no aspecto estructural da phrase. A funcção de regencia ou complementar dos termos accesorios da sentença, tendo deixado de ser *syntheticamente* expressa pelas desinencias casuaes, passou a sê-lo *analyticamente* pelas preposições. Ampliou-se desta sorte o parco uso que destas particulas subordinativas já fazia o latim. (1916, p. 321)

O autor cita ainda:

Eram as preposições de uso restricto em latim, que dispunha dos *casos* para assignalar as relações logicas das palavras; seu emprego apenas se restringia a discriminar e reforçar as diversas relações de *accusativo* e *ablativo*. Com a perda, porém, dos casos no latim, popular da idade-média, ampliou-se o uso das preposições, que vieram analyticamente supprir a falta das expressões syntheticas dos casos obliquos. (PEREIRA, 1916, p. 556)

Nessa última citação, observa-se que o autor já adverte para a ampliação de usos das preposições em português. Desse modo, as alterações gramaticais decorrentes dessa mudança levam, por sua vez, a uma recategorização sintática do sistema preposicional do PB, a qual faz surgirem novas formas ou funções a serem exercidas pelas preposições.

A avaliação dessa mudança por meio da noção icônica de forma/função permite perceber o enriquecimento funcional das preposições, o que leva a uma reestruturação do sistema preposicional do PB e, por consequência, ao surgimento de novas formas para desempenhar funções antes indicadas no latim pelo sistema de caso. Fenômeno resultante dessa mudança para o PB é a utilização das preposições *para* e *em* em mesmo contexto, embora cada preposição tenda a buscar uma especialização no sistema linguístico.

Tarallo, sobre a passagem do latim ao português, comenta:

Nosso sistema deve ter experimentado momentos em que uma mesma preposição latina cumpria, além de sua função relacional, outras funções semânticas que, no latim clássico, eram mapeadas por outras formas. E essa tendência, uma mesma forma com

várias funções ou uma mesma função marcada por diferentes e várias formas, na realidade, subjaz à organização gramatical das línguas naturais, embora contra ela se posicionem (ou se tenham posicionado) alguns gramáticos da língua portuguesa. (1990, p. 135)

Na passagem do latim para o português, não temos uma mudança de classe gramatical, e considerando (i) que as preposições *a/para/em* já apresentavam variação no latim (cf. POGGIO, 2002) e (ii) que houve queda dos casos latinos para o estabelecimento do português, podemos pensar em uma especialização de usos das preposições motivada pela atuação de diversas variáveis sejam linguísticas ou sociais.

É sob essa perspectiva que o uso variável atual das preposições *a/para/em* pode ser explicado via gramaticalização, principalmente no que concerne ao enriquecimento funcional desses itens associado à alteração do paradigma do sistema preposicional do PB, motivado pela passagem do latim ao português. Para Poggio (2002, p. 59), na investigação funcionalista, a gramaticalização tem sido utilizada para a explicação das mudanças que afetam a gramática de uma língua, e é “vista como um processo de criação da gramática em função da necessidade discursiva”.

Desse modo, as preposições *a/para/em* podem ser consideradas camadas de um domínio funcional, que podemos identificar como ‘complementação locativa do verbo *ir* de movimento’; em outros termos, funcionam como variantes de uma mesma variável, constatação que remete ao princípio de estratificação em gramaticalização (HOPPER, 1991; NARO; BRAGA, 2000; GÖRSKI; TAVARES, inédito). Resta-nos averiguar se estão num processo de *competição* (variação estável) ou se já caminham para uma *especialização* de uso, seja por ‘generalização’ (aumento de frequência de uso de uma forma e recuo de outra) seja por ‘especificação’ (em que cada camada/variante ocupa contextos discursivo-sociolinguísticos distintos).

Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas amostras de fala de 72 informantes do banco de dados VARSUL,⁴ com o controle das seguintes variáveis: sexo (masculino; feminino); idade (25-49 anos; +50 anos); escolaridade (primário; ginásial; colegial) e localidade (Florianópolis; Blumenau, Chapecó). Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias), com dois informantes para cada perfil, conforme se verifica no quadro 1.

⁴ O Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil), que integra as Universidades Federais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, possui em seu banco de dados amostras de fala (gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente) de habitantes de quatro cidades de cada um dos estados do Sul do país, as quais se encontram disponíveis, especialmente aos pesquisadores vinculados às instituições mencionadas, para realização de pesquisas que contribuam para a descrição do português falado na região sul do Brasil.

Quadro 1. Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (VARSUL)

Idade/Gênero Escolaridade	25-49 anos		Mais de 50 anos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Primário	2	2	2	2
Ginásio	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2

Os dados foram coletados por meio de leitura das transcrições das entrevistas, para, então, se proceder à sua codificação, de acordo com o conjunto de variáveis sociais.

Para o tratamento quantitativo foi utilizado o pacote estatístico *VARBRUL* (PINTZUK, 1988), que fornece percentuais e peso relativo (PR) para cada uma das variáveis independentes testadas, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre elas, caracterizando-se, assim, os diferentes contextos de uso das variantes analisadas.

Considerando que estão sendo controladas três cidades do estado de Santa Catarina, foram realizadas também rodadas por localidade para verificar se os condicionantes de uso das preposições atuam diferentemente ou não. Temos então resultados de *rodadas gerais* e de *rodadas por cidade*.

O quadro (2), a seguir, mostra os grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos para cada preposição nas rodadas gerais binárias.⁵

Quadro 2. Variáveis relevantes para as preposições A/PARA/EM

A	PARA	EM
(1) Idade (2) Localidade (3) Escolaridade	(4) Idade	(1) Escolaridade (2) Localidade

A partir da próxima seção, apresentamos e discutimos os resultados. Iniciamos com um panorama geral da frequência de uso das preposições por cidade e, na sequência, expomos os resultados organizados a partir das variáveis selecionadas, conforme mostrado no quadro (2). Por fim, apresentamos os resultados por cidade em relação ao uso das preposições.

Um panorama inicial do uso das preposições *a/para/em* em Santa Catarina

De início, procurou-se determinar a frequência de uso de cada variante (*a/para/em*), buscando-se avaliar a produtividade das formas, de modo a se ter um panorama das ocorrências por cidade. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na tabela (1) abaixo.

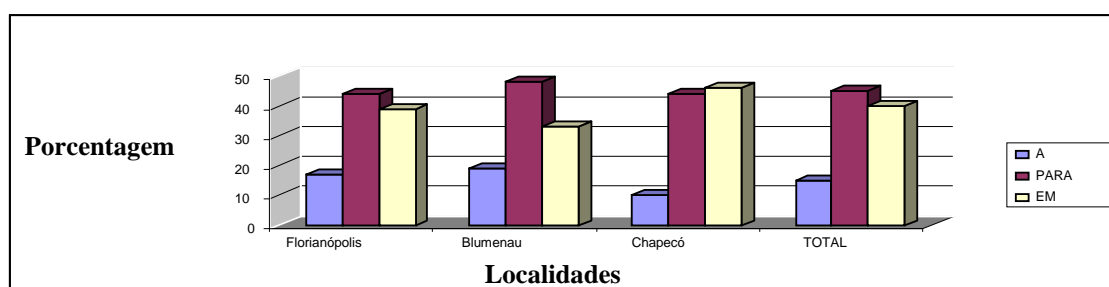
⁵ A ordem numérica em que os grupos são apresentados corresponde à ordem de relevância estatística atribuída pelo programa *IVARB*.

Tabela 1. Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade⁶

preposição Localidade	A		PARA		EM		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Florianópolis	57	17	146	44	129	39	332	100
Blumenau	51	19	132	48	92	33	275	100
Chapecó	36	10	152	44	162	46	350	100
TOTAL	144	15	430	45	383	40	957	100

De imediato, chama atenção o baixo percentual de uso da preposição *a* (15%) em relação a *para* (45%) e *em* (40%). No entanto, deve-se salientar que esse percentual mostra-se superior às nossas expectativas iniciais, pois supúnhamos que a frequência da preposição *a* fosse menor, já que estamos analisando dados de fala, e o grau máximo de escolaridade controlada dos informantes é colegial.⁷ Por outro lado, é interessante notar que a variável em estudo apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre Florianópolis (332 ocorrências) e Chapecó (350 ocorrências), mas tem uma frequência mais baixa, em números absolutos, em Blumenau (275 ocorrências). Entretanto, dentre as três localidades, é Blumenau que apresenta relativamente um maior uso das preposições *a* e *para* (19% e 48%, respectivamente) em detrimento de *em* (33%). Já Chapecó é a cidade que mostra produtividade mais baixa da preposição *a* (10%) e a mais alta da preposição *em* (46%). Florianópolis, por sua vez, situa-se numa posição intermediária, aproximando-se mais de Blumenau quanto ao uso de *a* e *em* (17% e 39%, respectivamente), e igualando-se a Chapecó no uso de *para* (44%), frente às outras duas preposições. Esses resultados podem ser mais bem visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1. Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade



Os resultados da frequência de uso das preposições se aproximaram, em certa medida, dos resultados encontrados por Mollica (1996) na fala carioca, na qual a autora observou o seguinte comportamento: preposição *a/para* com 56% e preposição *em* com 46%. Em relação ao emprego da preposição *em*, a diferença entre o dialeto carioca e o catarinense é de seis pontos percentuais.⁸

Já os resultados obtidos em João Pessoa, por Vallo (2004), diferem bastante em termos de frequência de uso, com 13% para a preposição *a*, 72% para a preposição *para*

⁶ A soma dos percentuais deve ser lida horizontalmente, por cidade.

⁷ Atual Ensino Médio.

⁸ Como Mollica (1996) considera conjuntamente o uso das preposições *a* e *para*, tomamos como parâmetro de comparação com nossos dados apenas a preposição *em*.

e 15% para a preposição *em*. Em João Pessoa, o uso de *a* apresenta praticamente a mesma produtividade encontrada em nossa amostra (13% em JP e 15% em SC); entretanto, a preposição *em* é bem menos usada em João Pessoa do que em Santa Catarina e no Rio de Janeiro (apenas 15%).

A partir desses dados iniciais, sem considerar nenhuma variável associada ao uso das preposições, percebe-se, pois, uma maior ocorrência das preposições *para* e *em* em relação à preposição *a*. Esse resultado inicial abaliza o processo em curso de recuo da preposição *a* no PB, conforme mencionado no início deste trabalho. Retomando Naro e Braga (2000), sobre a frequência de determinada forma, é necessário avaliar os condicionantes que atuam na gramaticalização de uma dessas formas. Dessa forma, passamos à análise dos resultados concernentes aos grupos de fatores sociais.

Fator idade

Para este grupo de fatores estamos testando a seguinte hipótese: *para/a* devem ser mais usadas por informantes mais velhos, e *em* por informantes mais jovens.

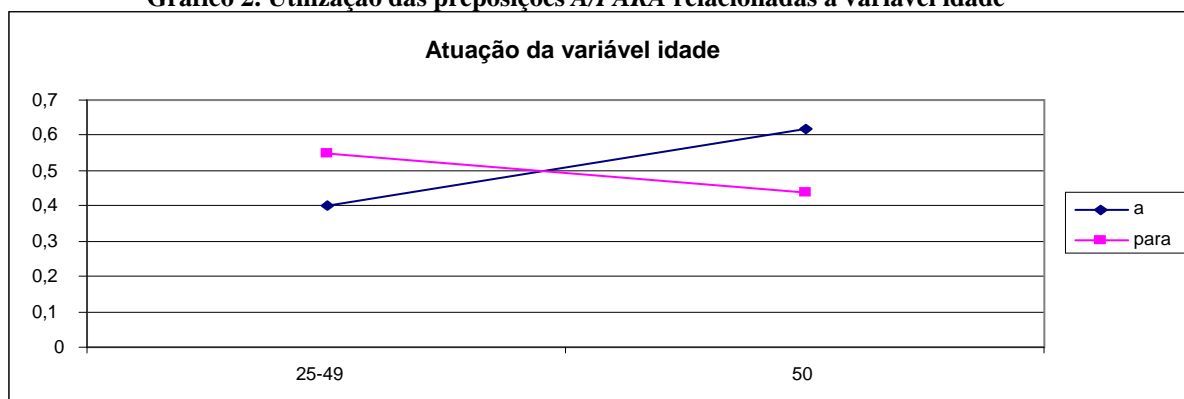
Na tabela (2) tem-se os resultados da influência da variável *idade*.

Tabela 2. Influência da variável *idade* sobre o uso de *A*, *PARA* e *EM*

Preposições	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
+ de 50 anos	91/449	20	.62	184/449	41	.44	174/449	39	-
25 a 49 anos	53/508	10	.40	246/508	48	.55	209/508	41	-
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Significância	Input: .11 Sig.: .045 2º fator selecionado			Input: .45 Sig.: .034 4º fator selecionado			fator não selecionado		

A variável *idade* não se mostrou relevante para *em*. Foi, porém, a segunda selecionada para *a*, cuja tendência de uso situa-se entre os mais velhos (PR.62), e a quarta selecionada, para a preposição *para*, que mostra uma leve inclinação a ser mais usada por informantes da faixa etária de 25 a 49 anos (PR .55). O Gráfico 2 permite visualizar a atuação da variável *idade* sobre o emprego apenas das preposições *a/para*.

Gráfico 2. Utilização das preposições *A/PARA* relacionadas à variável *idade*



Pode ser observada no gráfico (2) a diminuição de uso da preposição *a* e o aumento de uso da preposição *para* à medida que a idade diminui. Esse recuo no uso de *a* entre os mais novos pode ser interpretado como indício de mudança/gramaticalização da preposição *para* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento. Além disso, apesar de a variável social *idade* não ter sido selecionada como relevante para *em*, considerando-se sua porcentagem de uso, percebe-se um leve aumento de uso conforme diminui a idade dos informantes. Entretanto, para evidenciar com mais clareza esse processo de mudança, seria necessário investigá-lo ao longo do tempo, já que estamos considerando apenas o aumento da frequência de uso e duas faixas etárias como um dos indícios da gramaticalização da preposição *para*.

Fator escolaridade

Para esse grupo de fatores, nossa expectativa é de que as ocorrências da variante *a* sejam mais frequentes entre os mais escolarizados, porque esse representa o segmento social mais resistente a inovações. Seguem, na tabela (3), os resultados de atuação dessa variável.

Tabela 3. Influência da variável escolaridade sobre o uso de A, PARA e EM

Preposição Escolaridade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Colegial	60/296	20	.59	143/296	48	–	93/296	31	.41
Ginásial	50/360	14	.50	150/360	42	–	160/360	44	.55
Primário	34/301	11	.42	137/301	46	–	130/301	43	.53
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Significância	Input: .11 Sig.: .045 8º fator selecionado			fator não selecionado			Input: .39 Sig.: .023 3º fator selecionado		

Novamente um fator social mostrou-se relevante na seleção das preposições. Como mostrado na Tabela 3, quanto mais escolarizado o informante, maior o uso da preposição *a*, o que fica evidente no distanciamento verificado entre o comportamento de informantes do colegial (.59) dos do primário (.42). Em contrapartida, a preposição *em* tende, embora levemente, a ser empregada mais entre os menos escolarizados, incluindo informantes dos níveis primário e ginásial (.53 e .55, respectivamente). Já no emprego da preposição *para*, escolaridade é um fator que se mostra irrelevante.

Além disso, testamos a correlação entre as variáveis *escolaridade* e *idade*, com a finalidade de avaliar se apresentavam alguma diferença nos resultados. Sobre o assunto, Guy e Zilles (2007, p. 221) afirmam que “fatores como sexo, idade e classe social, muitas vezes, não se comportam independentemente uns dos outros”. Apesar de realizarmos a correlação, não encontramos diferenças significativas nos resultados.

Vale lembrar aqui a observação de Thomas (apud PONTES, 1992, p. 23) de que “a preposição *a* está praticamente em desuso no Português do Brasil (excetuando-se a língua escrita, que é mais conservadora, mais submissa ao ensino escolar e, portanto, com uma evolução mais lenta) para indicar espaço propriamente dito”. De fato, encontramos evidências de que a preposição *a* resiste mais entre os indivíduos com um maior nível de escolaridade, confirmando, assim, nossas expectativas iniciais.

Fator localidade

Sobre a origem dos informantes, nossa hipótese inicial era de que haveria um comportamento diferenciado por cidade no que diz respeito à frequência de uso das preposições, com um índice maior da variante padrão *para/a* em Florianópolis, por se tratar de cidade capital. Na tabela (4), seguem os resultados dessa variável.

Tabela 4. Influência da variável *localidade* sobre o uso de *A*, *PARA* e *EM*

Localidade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Blumenau	51/275	19	.57	132/275	48	–	92/275	33	.45
Florianópolis	57/332	17	.56	146/332	44	–	129/332	39	.46
Chapecó	36/350	10	.39	152/350	43	–	162/350	46	.58
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Significância	Input: .11 Sig.: .045 7º fator selecionado			fator não selecionado			Input: .39 Sig.: .023 6º fator selecionado		

Os resultados mostram que localidade é fator relevante na seleção das preposições: informantes de Blumenau (.57) e de Florianópolis (.56) mostram uma tendência de uso da preposição *a*, enquanto os de Chapecó (0,58) inclinam-se ao uso da preposição *em*. O uso de *para* é indiferente à procedência dos informantes.

Embora as três cidades pertençam a um mesmo estado da Região Sul, esse comportamento diferenciado quanto ao uso das preposições pode sugerir que cada uma represente uma subcomunidade dentro de uma comunidade de fala maior. Em relação a isso, Milroy (2002) comenta que estudos feitos por Labov (1963 [marcas fonológicas]) e Cheshire (1982 [marcas gramaticais]) mostraram que quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais frequentemente tende a usar variantes locais/regionais. Assim, é possível hipotetizar que Florianópolis e Blumenau sejam centros urbanos onde a tendência dos indivíduos a integrar diferentes redes sociais⁹ seja mais ampla, podendo manter contato com indivíduos mais escolarizados etc., o que poderia estar correlacionado ao uso da preposição *a*. Todavia, para testar essa ideia, seria necessário investigar as redes sociais dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Outra hipótese que poderia ser aventada seria a de que certos marcadores gramaticais apresentam usos socialmente marcados nas comunidades analisadas. Entretanto, como nenhuma das formas alternantes veicula estigma social, provavelmente tal hipótese não se justificaria.

De qualquer forma, consideramos bastante significativo esse resultado, e, em função disso, redirecionamos a análise, organizando os resultados de acordo com as regiões geográficas.

⁹ A designação para *Redes sociais*, conforme Milroy (2002), corresponde aos relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades. Apesar de pertencer a uma determinada comunidade de fala, os indivíduos fazem uso da língua/fala em diferentes práticas que refletem diferentes modelos (variações) de uso. O falante faz uso da língua para atender às exigências necessárias de cada interação específica.

Variação diatópica

O arranjo na apresentação dos resultados segue agora uma configuração diferente. Foram reunidos numa única tabela os resultados obtidos para cada cidade, em relação ao uso de cada uma das preposições. Assim, temos uma tabela para a preposição *a*, outra para a preposição *para* e outra para *em*.

Preposição *a*

Na rodada com dados de *Florianópolis*, os seguintes grupos de fatores foram selecionados pelo programa estatístico: *escolaridade* e *sexo do informante*, nessa ordem de relevância. Para *Blumenau*, foram selecionados: *idade* e *sexo*. Já em *Chapecó*, a única variável estatisticamente significativa foi a *escolaridade*. Na tabela (5), são apresentados os resultados de atuação das variáveis.

Tabela 5. Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição *A* versus *EM/PARA*

Localidade Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>Idade</i> + de 50	–	–	–	42/142	30	(1) ¹⁰ .73	–	–	–
	25-49	–	–	9/133	7	.26	–	–	–
<i>Sexo</i> feminino	24/166	14	(1) .41	35/142	25	(2) .63	–	–	–
	33/166	20	.59	16/133	12	.36	–	–	–
<i>Escolaridade</i> colegial	23/96	24	(2) .65	–	–	–	25/123	20	(1) .74
	27/135	20	.55	–	–	–	7/136	5	.38
	7/101	7	.30	–	–	–	4/91	4	.34
Significância	Input: .14	Sig.: .024		Input: .12	Sig.: .008		Input: .09	Sig.: .000	

Primeiramente, o que chama a atenção nesses resultados é o fato de que em Chapecó somente *escolaridade* foi selecionado (provavelmente face ao número reduzido de dados nessa cidade: 36 ocorrências).

Os resultados apontam que enquanto informantes mais velhos tendem a usar *a* (.73) e os mais jovens desfavorecem esse uso (.26) em Blumenau – atestando nossa hipótese –, a variável *faixa etária* não foi significativa para as outras duas cidades. Quanto à variável *sexo*, enquanto em Florianópolis homens se inclinam mais ao uso de *a* (.59), em Blumenau são as mulheres que utilizam mais a forma padrão (.63). Seria em Blumenau o *a* considerado forma de prestígio e em Florianópolis, não? Mas por que a variável *escolaridade* não foi significativa em Blumenau? Ficam as indagações para reflexões a análises futuras.

¹⁰ O número dentro dos parênteses indica a ordem de seleção estatística por cidade.

Quanto à *escolaridade*, esse fator foi selecionado para Florianópolis e Chapecó (a única relevante nesta última cidade), mostrando que nossa hipótese se sustenta: o uso de *a* tende a aumentar na mesma direção do aumento do grau de escolaridade. Esse resultado em relação aos anos de instrução formal segue na mesma direção dos de Mollica (1996) e de Vallo (2004), com a ressalva de que eles trataram conjuntamente as preposições *a/para*.

Preposição *para*

A variável social *idade* manteve a tendência geral (cf. tab. 2), mas se mostra significativa apenas em Blumenau, com informantes mais jovens usando mais a preposição *para* (.68). Note-se que a preposição *para* não sofre restrição de natureza social a não ser pela atuação da faixa etária em Blumenau.

Tabela 6. Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição PARA versus A/EM

Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Idade						(1)			
25-49	-	-	-	81/133	61	.68	-	-	-
+ de 50				51/142	36	.33			
Significância	fator não selecionado			Input: .48 Sig.:.009			fator não selecionado		

Preposição *em*

A única variável social selecionada para *em* foi *escolaridade*, de acordo com o resultado geral (cf. tab. 3): o nível *colegial* desfavorece o uso dessa preposição em Chapecó. Essa variável não se mostrou atuante nem Florianópolis nem em Blumenau.

Tabela 7. Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição EM versus A/PARA

Variáveis	Florianópolis			Blumenau			Chapecó		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Escolaridade									(4)
Primário	-	-	-	-	-	-	50/91	55	.52
Ginásial							70/136	51	.57
Colegial							42/123	34	.40
Significância	fator não selecionado			fator não selecionado			Input: .45 Sig.:.015		

Comparando-se com outros estudos, percebe-se que no Rio de Janeiro (amostra *Censo*; Mollica, 1996) o baixo grau de escolaridade assim como a faixa etária mais baixa estão correlacionados ao uso de *em*. Também no Rio de Janeiro (amostra NURC; Ribeiro, 1996; 2008), homens mais jovens (25 a 35 anos) tendem a usar mais a variante não-padrão, e mulheres de meia-idade (36 a 55 anos) tendem a evitar o uso dessa forma. Em João Pessoa (amostra VALPB; VALLO, 2004), informantes com menos anos de escolarização empregam mais a preposição *em*. Já em Santa Catarina (amostra VARSUL), a única restrição de natureza social para o uso de *em* é a escolaridade, mesmo assim apenas na cidade de Chapecó. No Sul, as variáveis sociais se mostraram mais significativas para o uso da preposição *a*, forma padrão por excelência.

Discussões gerais

Como já mencionado, consideramos, neste estudo, que as preposições *a/para/em* são camadas de um domínio funcional, o da complementação locativa do verbo *ir* de movimento. Em termos labovianos, são variantes de uma mesma variável linguística.

Na abordagem funcionalista, a língua reflete as necessidades comunicativas do falante, sendo algo maleável, que sofre pressões de uso. Sobre o assunto, Hopper (1991) defende que, dentro de um domínio funcional, novas camadas ou estratos emergem continuamente. Quando isso acontece, camadas velhas (formas/significados) não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas, dentro de um mesmo recorte temporal, conforme o *princípio da estratificação*, postulado pelo autor.

Além disso, uma situação de estratificação/variação pode ser suavizada ou mesmo resolvida através da especialização de uso das formas: ou por *generalização* – uma camada/variante passa a se sobrepor às demais assumindo os papéis daquelas, que teriam sua frequência diminuída ou seriam mesmo eliminadas; ou por *especificação* – as camadas/variantes são usadas em contextos sociolinguísticos distintos (GÖRSKI; TAVARES, inédito).

Várias considerações podem ser feitas aqui. Se atentarmos para a frequência de uso em Santa Catarina à luz da revisão da literatura sobre o funcionamento diacrônico das preposições, podemos dizer que temos evidências atuais de recuo da preposição *a* (15%), especialmente quando essa frequência é associada aos fatores *faixa etária mais velha* e *grau de escolaridade mais alto*, e ao fato de que muitos informantes não a utilizam. Se atentarmos para as localidades (cf. tabela 4), isoladamente, perceberemos que a implementação de *em* (46%) e *para* (44%) está mais avançada em Chapecó, que apresenta o recuo maior de *a* (10%). A cidade que retém mais a preposição *a* é Blumenau (19%), onde a implementação de *em* é menor (33%), perdendo para *para* (48%). A capital encontra-se a meio caminho, com 17% de *a*, 39% de *em* e 44% de *para*. De qualquer modo, o que se percebe é o movimento de recuo da preposição *a*, mas em ritmos diferenciados.

Temos, portanto, indícios que sustentam a hipótese de mudança em andamento rumo à diminuição crescente e gradativa de uso de uma das formas, de modo que as outras variantes continuarão, possivelmente, competindo entre si para representar o domínio funcional em questão. É essa direção que os demais trabalhos que focalizam esse objeto no PB têm apontado.

Assim, considerando as preposições *para* e *em* no cenário de Santa Catarina, parece que estamos diante de um quadro de variação relativamente estável (com 45 e 40%, respectivamente), embora *em* sofra restrição quanto à escolaridade do falante e *para* seja de uso preferencial na faixa etária mais jovem. Contudo, se tomarmos as localidades isoladamente, vemos que: (i) é em Blumenau que a faixa etária mais nova privilegia *para* (enquanto os mais velhos tendem a reter o *a*); (ii) é em Chapecó que *em* sofre restrição da escolaridade, sendo menos usada pelos informantes de nível colegial; (iii) em Florianópolis, a preposição *a* tende a ser retida entre os indivíduos de nível colegial. Essas constatações encontram-se explicitadas no quadro 3, a seguir.

Quadro 3. Contextos sociolinguísticos preferenciais de uso das preposições A/PARA/EM em Santa Catarina

Variável	A	PARA	EM
Idade	+ de 50 anos	25 a 49 anos	–
Escolaridade	Colegial	–	Ginásial e primário
Localidade	Blumenau e Florianópolis	–	Chapecó

Se focalizarmos a atenção nos resultados das variáveis (cf. quadro 3), percebemos as tendências gerais de atuação das preposições, bem como também os contextos que particularizam as localidades em relação ao uso de cada preposição, como registrado no quadro 4.

Quadro 4. Contextos sociolinguísticos preferenciais de uso das preposições A/PARA/EM por cidade

Localidades/ Preposições	Florianópolis			Blumenau			Chapecó		
	A	PARA	EM	A	PARA	EM	A	PARA	EM
Variáveis									
Idade	–	–	–	+ de 50	25 a 49	–	–	–	–
Escolaridade	Colegial	–	–	–	–	–	colegial	–	Primário ginásio

São justamente as particularidades que funcionam como indícios de uma eventual *especialização por especificação*. Mas, como todos os resultados apontam tendências não sendo nenhum deles categórico, não se pode falar ainda em especialização efetivada.

Por fim, quanto às variáveis sociais, os mais velhos privilegiam *a* em Blumenau e os mais jovens, *para*; os mais escolarizados favorecem o *a* em Florianópolis e em Chapecó, e os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade. Em síntese: sustenta-se o gradiente $a > para > em$ traçado com base no critério padrão > não-padrão, apontado também por Mollica (1996) e Ribeiro (1996; 2008), em que a última preposição é a considerada não-padrão.

Considerações finais

Os resultados mostraram que a distribuição geral encontrada foi a seguinte, por ordem decrescente de frequência: *para* (45%) > *em* (40%) > *a* (15%). Entretanto, ao tomarmos as cidades isoladamente, (i) essa distribuição se altera em Chapecó, e (ii) o percentual de uso de *a* também se altera sensivelmente com a seguinte distribuição em cada uma das cidades:

- Florianópolis: *para* (44%) > *em* (39%) > *a* (17%);
- Blumenau: *para* (48%) > *em* (33%) > *a* (19%);
- Chapecó: *em* (46%) > *para* (44%) > *a* (10%).

Tal resultado evidencia que *em* vem expandindo seu uso, estando esse movimento mais avançado em Chapecó (cidade de colonização italiana) e menos avançado em Blumenau (cidade de colonização alemã). Por outro lado, é em Blumenau que se encontra o maior número de ocorrências da preposição *a*. Consideramos

surpreendente a alta frequência da preposição *a*, pois a julgávamos de uso mais limitado na fala. Observando, porém, os indivíduos, constatamos que 32% dos informantes não usaram essa preposição, enquanto alguns apresentaram grande concentração de dados – o que tomamos como evidência de que, de fato, se detecta um recuo da preposição *a* em Santa Catarina. Esse desdobramento metodológico se mostrou relevante nesta pesquisa, por captar nuances diferenciadas entre as localidades.

As variáveis sociais mostraram que: os mais velhos privilegiam *a* em Blumenau e os mais jovens, *para*; os mais escolarizados favorecem o *a* em Florianópolis e em Chapecó, e os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade.

Em termos de frequência, nossos resultados se aproximam aos obtidos no Rio de Janeiro (MOLLICA, 1996), na amostra Censo, quanto ao uso da preposição *em* (SC = 40%; RJ = 46%), mas se distanciam consideravelmente de João Pessoa (VALLO, 2004), cujo percentual encontrado para *em* foi de 15%. Esse baixo percentual (14%) de *em* também foi encontrado por Ribeiro (1996, 2008), mas em dados do NURC-RJ, amostra que considera somente falantes de nível superior de escolaridade. Quanto à preposição *a*, só podemos comparar nossos resultados aos de João Pessoa, pois os demais autores trataram *a/para* conjuntamente (SC = 15%; JP = 13%).

Quanto aos condicionadores sociais, Mollica (1996) mostra que os fatores *escolaridade*, *sexo* e *idade* foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *a/para* pelos informantes mais escolarizados, especialmente as mulheres. Vallo (2004) também aponta apenas a escolarização como variável social significativa, com um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais uso de *a/para*, e quanto menor mais uso de *em*. Ribeiro (1996, 2008) encontrou *faixa etária* como variável relevante: os mais jovens usam mais *em* do que os mais velhos, e as mulheres de meia-idade tendem a evitar essa preposição. Já em Santa Catarina, a atuação do fator *idade* só se verificou em Blumenau (os mais velhos tendem ao uso de *a* e os mais jovens preferem *para*); *escolaridade* se mostrou relevante em Florianópolis e em Chapecó (informantes de nível colegial tendendo mais ao uso de *a*, em Florianópolis, e os menos escolarizados ao uso de *em*, em Chapecó); a variável *sexo* não foi relevante. O que se verifica, comparativamente, é que em Santa Catarina os fatores sociais se mostraram mais atuantes na realização de *a* (apenas em Chapecó se verificou que *em* é sensível à escolaridade do informante).

De acordo com a abordagem sociofuncionalista que orienta este trabalho, não há uma relação categórica de um-para-um entre função e forma, e é justamente essa possibilidade de assimetria que corresponde a situações de variação e mudança linguística, sendo esta gradual. Como na dinâmica das línguas há uma tendência geral na direção de equilibrar essa relação função-forma, as situações de variação tendem a ser resolvidas, seja pelo desaparecimento de uma das variantes, seja por especialização de uso das formas em competição. Nosso trabalho mostrou que há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo *ir* de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLINCK, R. de A. Crônicas e relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua. In: MURAKAWA, C. A. A.; GONÇALVES, M. F. (Orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara; São Paulo: Laboratório Editorial da FCL-UNESP; Cultura Acadêmica, 2007. p. 11-27.
- DUARTE, I.; GONÇALVES A. Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada na *Abralin*, Fortaleza 14-16 março 2001.
- GOMES, C. Efeito funcional no uso variável de preposição. In: *Revista de Estudos Linguísticos*, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 61-70, 1998.
- _____. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. (inédito) *Teoria da variação/mudança e funcionalismo linguístico: (in)compatibilidades?*.
- GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. XXXII, CD-ROM,, 2003. Publicação do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HOPPER, P. J. On some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*. v. 1. Amsterdam /Philadelphian: John Benjamin's Publishing Company, 1991. p. 17-35.
- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-569.
- MOLLICA, M. C. de M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.147-167 e 283-293.
- NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2. sem., 2000.
- PEREIRA, E. C. *Grammatica Historica*. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1916.
- PINTZUK, S. *VARVRUL programs*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1988. mimeo.
- POGGIO, R. M. G. F. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Bahia: UDFB, 2002.
- PONTES. E. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- RIBEIRO, A. J. C. R. *Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo *ir* na fala carioca. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.) *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 87- 94.

SCHER, A. P. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 1996.

TARALLO, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TORRES-MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A. A. A caracterização do objeto indireto no português sincrônico e diacrônico. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*. V. VI: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 73-106.

VALLO, M. A. G. do. A regência do verbo *ir* de movimento na perspectiva variacionista. In: HORA, D. da (Org.) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Gráfica Editora Pallotti, 2004. p. 207-217.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. 2008. 141p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.